

A PAZ É POSSÍVEL: COM A PALAVRA OS JOVENS

Rosa Maria de Almeida Macêdo

A Paz, como se sabe, é um assunto largamente tratado por diferentes pessoas, em diversos momentos e lugares. Portanto, não se trata de um tema novo, sendo possível encontrar referências a ele em diversos documentos escritos ao longo da história humana, o que mostra que desde tempos remotos já havia uma preocupação do homem com a violência e com a instauração da paz (JARES, 2002). Atualmente, a temática da Paz tem recebido maior atenção por parte das pessoas, de grupos, instituições e governos, haja vista a violência ter ganhado ares e formas cada vez mais assustadores. Mesmo havendo algumas discordâncias em torno do assunto, parece existir o consenso quanto à necessidade de se buscar alternativas que possam reduzir os elevados índices de violência por meio da construção de uma Cultura de Paz.

Nesse contexto das violências, a escola tem sido profundamente afetada e ao mesmo tempo conclamada a contribuir na solução da problemática. Embora em número ainda reduzido, já existem iniciativas voltadas para a prática de uma Cultura de Paz no ambiente escolar, a exemplo de programas como, Cinco Minutos de Valores Humanos na Escola, Programa Sathya Sai de Educação, Meditação na Escola, Mediação de Conflitos, dentre outros (MATOS, 2010). No entanto, na maior parte das escolas, embora se reconheça a existência de situações de violência, não se nota o efetivo engajamento dos seus profissionais, pais e alunos em torno de um projeto de construção da Paz.

A pesquisa realizada por mim em uma escola pública

na cidade de Teresina-Piauí é um exemplo do que acabei de comentar. Convivendo diariamente com problemas de indisciplina, incivildades e violências, os professores e membros da equipe gestora dizem não saber mais o que fazer. Porém, quando indagados sobre o que, de fato, a escola tem realizado para melhorar a situação, a resposta é bastante evasiva. Na verdade, como pude ver, ao acompanhar o cotidiano da escola durante um ano (junho de 2010 a junho de 2012), não verifiquei a existência de nenhum projeto com esta finalidade, mas, apenas ações pontuais e esporádicas que, a meu ver, além de não produzirem impacto positivo na realidade escolar, geram nas pessoas uma sensação de impotência e desânimo diante do problema.

Do trabalho realizado na escola, por meio de uma pesquisa-intervenção, cujos resultados e considerações compõem a minha tese de doutoramento intitulada “Juventudes, Cultura de Paz e Escola: transformando possibilidades em realidade”, faço um pequeno recorte para falar sobre o tema Paz de outra perspectiva: o olhar e o falar dos jovens. Quase sempre apontados como bagunceiros, indisciplinados e violentos, eles raramente são ouvidos pelos adultos e, muitas vezes, punidos. Na escola, embora sejam sempre colocados no centro dos problemas, nunca são chamados a dizer o que pensam sobre o assunto (MACÊDO, 2012). Penso, assim como Matos (2007), que os jovens possuem uma capacidade enorme para colaborar em mudanças e é dessa forma, como potencial positivo, que devemos vê-los. Sabemos, entretanto, que isso implica uma mudança de percepção em relação aos jovens: passar de uma visão negativa para uma visão positiva, na qual possam ser vistos como pessoas capazes de emitir opiniões, de resolver problemas e de fazer escolhas.

Foi movida por esta convicção que, ao realizar a pesquisa-intervenção procurei envolver os jovens não apenas como informantes, como é comum na maioria das pesquisas, mas como participantes ativos em todo o processo de investigação. É essa experiência vivida, com um grupo de alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, que desejo apresentar. Como disse no início, são vários os caminhos que nos levam ao tema Paz. O caminho que escolhi, neste artigo, é um tanto quanto inabitual: falar sobre o assunto a partir da perspectiva dos jovens. O que é paz? Na nossa escola existe um ambiente de paz? É possível construir uma Cultura de Paz? Como posso colaborar com este trabalho? Estas são algumas questões que nortearam o processo de reflexão realizado em seis oficinas temáticas que passo a comentar a seguir.

Vivenciando a Construção da Paz

Dentre os diferentes dispositivos de análise¹ que utilizei com os jovens durante a pesquisa-intervenção: encontros, grupos focais e rodas de conversa, destaco a realização de seis **oficinas temáticas** como momentos de profundo enriquecimento, tanto na dimensão afetivo-emocional, por ser um espaço de exercício da convivência, da aceitação e do respeito ao próximo, como na dimensão de construção de conhecimento, por ser, também, espaço de reflexão, troca e (re)construção de novos saberes e habilidades. O objetivo foi exercitar com os jovens a aprendizagem de valores relacionados a uma Cultura de Paz e de não violência, tendo em vista que este é um dos

¹ Na perspectiva da Pesquisa-intervenção, os dispositivos de análise são utilizados como estratégias, por meio das quais se deflagra processos de análise das instituições presentes em determinadas práticas culturais, como por exemplo, a Cultura de Paz ou de violência (MACÊDO, 2012).



requisitos para a sua concretização. Somente a vivência cotidiana desses valores poderá torná-los princípios orientadores da vida sendo, portanto, necessário exercitá-los, diária e permanentemente, através de atitudes, gestos e ações (DISKIN e ROIZMAN, 2002).

Nas oficinas foram abordados os seis pontos do Manifesto 2000 da UNESCO — Por uma Cultura de Paz e Não-Violência, por serem princípios que podem e devem ser seguidos por todas as pessoas que desejam agir no espírito da Cultura de Paz, em qualquer espaço de convivência, na família, na escola, no trabalho ou na rua. Tomei como referência o material produzido pelo Programa “Escolas de Paz”² desenvolvido em escolas do Rio de Janeiro, pela UNESCO em parceria com o Governo do Estado, que tem como foco o desenvolvimento de seis atitudes: respeitar a vida, ser generoso, ouvir para compreender, redescobrir a solidariedade, rejeitar a violência e preservar o planeta (DISKIN e ROIZMAN, 2002). É importante pontuar que, embora tenha me fundamentado neste trabalho, a proposta foi adaptada e amplamente discutida com os jovens que apontaram sugestões, tornando-a mais coerente com as demandas do grupo.

Respeitar a Vida: Primeira Atitude

A primeira oficina aconteceu em uma manhã de março de 2011 e nela estavam presentes, além de mim, seis jovens: **Riso, Paixão, Vida, Felicidade, Amor e Esperança.**³

² O detalhamento do Programa “Escolas de Paz” pode ser visto no documento “Paz como se faz? Semeando cultura de paz nas escolas”, organizado por Lia Diskin e Laura Gorresio Roizman, através do sítio: <http://naoviolenca.org.br/sobre/pdf/CartilhaaPazcomosefazUNESCO.pdf>

³ Esses são nomes fictícios atribuídos pelos jovens a eles mesmos.

Iniciamos com a leitura compartilhada do texto “Respeitar a vida” para identificar mensagens relacionadas ao assunto: a primeira é a de que a vida no planeta encontra-se ameaçada e esta ameaça vem dos próprios homens que ao mesmo tempo, constroem e destroem; a segunda é a de que a violência existe e se manifesta em todos os lugares, matando milhares de pessoas no mundo todo. Com base nessas mensagens, lancei algumas perguntas a fim de problematizar o assunto: Quais são os motivos que levam o homem a agir dessa forma? O que acontecerá conosco e com o planeta, se não houver uma mudança? É possível vivermos isoladamente, sem dependermos das outras pessoas?

Para os jovens, são muitas as razões que levam o ser humano a ter atitudes destrutivas em relação a si, aos outros e ao planeta, porém, as principais são: a desvalorização da vida, pois, “*nem sempre damos valor a ela*” (**Vida**) e por isso, “*destruímos vidas*” (**Esperança**); o fato de que “*a vida é diversa, as pessoas são diversas, diferentes*” (**Paixão**) e de isso gerar em nós dificuldades nas relações interpessoais, pois temos muita dificuldade em “*aceitar os outros que são diferentes de nós*” (**Amor**) o que nos leva, muitas vezes, a “*magoar o outro*” (**Felicidade**).

Como complemento da discussão, realizamos a técnica “Colcha de Retalhos”. Após permanecerem alguns minutos com os olhos fechados, procurando pensar sobre a sua própria história, relacionando-a a família, a escola, a comunidade e ao planeta, os jovens representaram os sentimentos gerados neste momento, por meio de desenhos, palavras ou frases, formando um grande painel, que foi comentado por cada participante no momento de socialização e encerramento das atividades. Verifiquei que as representações se referiram, ba-

sicamente, à vida pessoal, familiar e escolar, o que me levou a perceber, nos jovens, a dificuldade para estabelecer relações entre a vida deles na família e o contexto mais amplo, da cidade onde moram, do país e do planeta.

Redescobrir a Solidariedade: Segunda Atitude

A segunda oficina, também realizada em março de 2011, teve como objetivo levar os jovens a perceberem a importância da realização coletiva e do poder que esta tem, mostrando, com isso, a necessidade de sairmos do individualismo para a cooperação. Como introdução, exibí o vídeo “Solidariedade”⁴ e depois distribuí uma cópia do texto relativo ao vídeo para ser lido silenciosa e individualmente. Com base nesses recursos, pedi aos jovens que dissessem quais mensagens haviam identificado. Para **Esperança**, a mensagem mais importante é a de que “*mesmo quando não se pode fazer tudo é preciso fazer alguma coisa, mesmo que seja uma coisinha pequena*” porque como complementa **Amor** “*se cada um fizer um pouquinho tudo pode melhorar.*” Outra mensagem identificada foi a de que “*somos iguais na alegria e na tristeza*” (**Cariño**) e por isso, o sofrimento que pode atingir uma pessoa, hoje, poderá nos atingir amanhã.

Nas falas percebi que os jovens compreendem a solidariedade como uma atitude necessária à vida em coletividade, pois é o que leva os seres humanos a se ajudarem mutuamente. Ao mesmo tempo também ficou clara a percepção do quanto isto é difícil de ser concretizado, na vida cotidiana. Segundo os jovens, na correria do dia a dia, o que predomina são as atitudes egoístas das pessoas que “*não estão nem aí umas pras*

⁴ O vídeo “Solidariedade” foi retirado do sítio: www.youtube.com

outras.” (**Riso**), voltando-se, cada uma, para seus próprios problemas.

Finalizando a oficina fizemos uma reflexão sobre as consequências que esse tipo de atitude traz, enfatizando a noção de que é necessário nos reconhecermos como partes integrantes de um todo, de uma coletividade, pois como tão bem afirmou **Carinho**, “*somos todos iguais na alegria e na tristeza*”, de tal modo que o sofrimento ou a alegria vivida por uma pessoa, hoje, poderá nos atingir amanhã.

Saber Ouvir : Terceira Atitude

No final do mês de março de 2011 realizei a terceira oficina, desta vez com o tema “Saber ouvir”, com o objetivo de exercitar a percepção sobre si mesmo, os outros e o mundo, no sentido de criar espaços de conhecimento e compromisso com a realidade, como elementos essenciais para melhorar as nossas relações com as outras pessoas.

Como introdução, usei a técnica “Mensagem truncada”. Chamei um participante, em separado, e contei-lhe uma notícia que havia lido no jornal local e pedi para ele que contasse para outro participante, em voz baixa, que por sua vez deveria repassar para outro, de modo, que ao final, todos deveriam saber da notícia. Em seguida, na mesma ordem em que ouviram, pedi que cada um contasse o havia escutado. Como já era de se esperar, cada participante apresentou uma versão diferente para a mesma notícia, de forma que entre a mensagem inicial e a mensagem final, não existia quase nenhuma semelhança. Quando perguntei o que poderia ter causado essa distorção alguns jovens admitiram não ter dado muita atenção ao que o colega estava falando. “*Não prestei muita atenção não!*” diz

Vida, logo complementada por **Paixão** que acrescenta “*eu também não ouvi direito, acho que me distraí!*”.

A partir dessa dinâmica, procurei refletir com os jovens sobre a importância de saber ouvir, tendo em vista que a falta desse exercício pode trazer prejuízos para nossas vidas. Além disso, ouvir é um ato de respeito e de generosidade, porque ao ouvir o que o outro tem a nos dizer estamos não apenas atribuindo importância ao que é dito, mas acolhendo o outro. A reflexão foi complementada pela leitura do texto “Ouvir para compreender” que permitiu não somente o aprofundamento do tema, mas também, exercitar, mais uma vez, a habilidade de ouvir.

Ser Generoso: Quarta Atitude

Esta oficina foi realizada no início de abril de 2011 com o objetivo de despertar para a necessidade de sermos generosos, por se tratar de uma virtude que nos humaniza e nos torna iguais, ao mesmo tempo em que nos faz sentir parte de algo maior que nós mesmos, a família, o país e o planeta.

Com o intuito de provocar uma reflexão sobre o tema, reuni os jovens em torno de uma mesa e distribuí aleatoriamente seis imagens recortadas de revistas e pedi para que cada um, em silêncio, atribuísse um significado. A socialização feita em seguida, mostrou que as imagens foram associadas a sentimentos como: piedade — “*tenho pena da pessoa que sofre*” (**Vida**); alegria — “*é bom vencer. A gente fica muito alegre*” (**Esperança**); sofrimento — “*tanta gente no mundo que sofre!*” (**Felicidade**). Perguntei a eles então: Sentir pena de alguém é ajudar? O que é possível fazer para diminuir o sofrimento das pessoas? A tristeza e o sofrimento alheios me dizem respeito?

Embora concordem em relação à necessidade de ajudarmos uns aos outros, esta percepção fica mais no âmbito pessoal e familiar: *“procuro ajudar meus amigos quando eles precisam”* (**Vida**) ou *“quando minha mãe está triste, eu também fico triste”* (**Esperança**). Como vivência, realizamos a dinâmica “Quadrados cooperativos”, cujo objetivo é despertar para os benefícios da atitude generosa. Para que cada um formasse um quadrado completo, os participantes precisariam “abrir mão” de algumas das frações que haviam recebido, estabelecendo, com isso, uma troca, em que todos saem ganhando e não apenas uma pessoa.

Como finalização e ampliação do tema, fizemos a leitura do texto “Ser generoso”, sendo destacados os seguintes pontos: como *“ninguém é obrigado a ser generoso”* (**Amor**) e *“a gente faz o bem porque é bom pra gente!”* (**Paixão**), pois *“quando a gente faz alguma legal pra outra pessoa e quando isso é de coração, não se quer nada em troca”* (**Vida**).

Rejeitar a Violência: Quinta Atitude

Esta oficina realizada em maio de 2011 teve como objetivo refletir, com os jovens, sobre questões relacionadas à violência como, exclusão social, preconceito, racismo, corrupção, enfocando a necessidade da construção de Cultura de Paz enquanto alternativa possível para o enfrentamento da violência e transformação da realidade.

Iniciei a oficina, distribuindo para cada participante um recorte de jornal com notícias de eventos de violência e orientei a leitura atenciosa do material, para que pudessem responder aos questionamentos: O evento noticiado poderia

ter acontecido de outra maneira? O que poderia ser mudado? É possível reescrever esta notícia, dando-lhe outro final?

Após a leitura dos recortes de jornal, os jovens afirmaram que os eventos noticiados poderiam ter acontecido de outra maneira se as pessoas agissem com mais amor e respeito ao próximo. Além disso, para eles, faltou habilidade para resolver os “problemas” de forma amigável e pacífica, por isso, os eventos sempre confluíam para um final violento. “*Às vezes é uma besteira de nada e daí a pouco vira uma confusão!*” diz **Vida**.

Para melhorar a compreensão sobre o assunto, fizemos a leitura do texto “Rejeitar a violência”, que traz como foco a necessidade de aprendermos a resolver os conflitos de forma não violenta, tomando como exemplo o que foi praticado por pacifistas como Mahatma Gandhi e Martin Luther King. Com isso, ficou claro para os jovens que se as pessoas envolvidas nos eventos noticiados, tivessem procurado resolver as suas “diferenças” sem usar a violência, as histórias contadas teriam um final bem diferente, comprovando-se com isso que a utilização de métodos pacíficos para resolver conflitos é uma forma eficiente de se prevenir a manifestação da violência.

Preservar o Planeta: Sexta Oficina

A última oficina, também no mês de maio, foi realizada com o objetivo de promover uma reflexão sobre a vida no planeta, a partir da ideia de que esta compõe uma trama na qual tudo e todos estão relacionados. Como atividade inicial, mostrei aos jovens uma foto do planeta Terra e pedi-lhes que a observassem com bastasse atenção.

Todos disseram que a Terra “*é linda*”, mas “*está sendo destruída e por isso deve ser cuidada, porque se isso não acon-*

tecer o planeta não aguenta” (Vida). Esperança acrescenta que “são os próprios homens que destroem o planeta”, por isso, são eles que “precisam fazer alguma coisa” e “ajudar o planeta a se levantar da destruição”. Para Paixão, “devemos preservar, não poluindo os rios, nem desmatando as florestas”.

Depois dessa reflexão inicial, fizemos um passeio pelas dependências da escola e pelo entorno, observando árvores, animais, construções, existência de lixo e outros aspectos. Munidos de papel, lápis e câmera fotográfica começamos o passeio pela escola: pátio, quadra de esporte, copa e outras dependências e em seguida, saímos para dar uma volta no quarteirão onde está situada a escola. Cada um foi anotando o que lhe chamou a atenção e registramos algumas imagens.

Ao retornar, socializamos o que havia sido observado durante o passeio. Em relação à escola, na parte interna, os jovens disseram ter achado *“tudo limpo e em ordem”*, porém na área externa, foi visto muito mato e lixo acumulado, o que impede a utilização destes espaços pelos alunos. Outro aspecto observado foi a ausência de árvores que servem tanto para ornamentar quanto para oferecer sombra e, principalmente, diminuir o calor.

Sobre o entorno, o que foi destacado pelos jovens é a existência de uma galeria (canal de esgotos) ao lado da escola, por onde passa a água dos esgotos próximos e que, segundo eles, quando chove transborda, impedindo até a passagem das pessoas. O lixo jogado em terrenos baldios próximos da escola também chamou a atenção dos jovens. Mas, apesar disso, eles dizem gostar do bairro, pois segundo **Vida**, *“já estou acostumada com isso tudo que tem aqui.”*

Finalizando esta última oficina e para ampliar a compreensão sobre o assunto, fizemos a leitura compartilhada

do texto “Preservar o Planeta” em que os jovens destacaram como interessantes os seguintes pontos: os recursos naturais são finitos e se não forem utilizados de forma equilibrada, em breve, chegarão ao final; todos os animais são importantes, não apenas o ser humano, pois cada espécie tem uma função e, principalmente, que o Planeta é um todo, do qual somos apenas uma parte.

Aprendemos a Lição?

Após a realização das seis oficinas, fizemos a avaliação da experiência. Todos disseram ter gostado muito porque aprenderam muitas coisas, principalmente, coisas novas e também porque tiveram “*momentos maravilhosos de interatividade entre os colegas.*” (**Esperança**). Segundo eles, nas oficinas foram abordados assuntos sobre os quais eles não tinham parado para pensar e debater, como por exemplo, o racismo, a corrupção, saber ouvir as pessoas, dentre outros. “*Alguma coisa em mim mudou, professora. Agora penso diferente!*”, conclui **Vida**.

Do mesmo modo, também fiz uma avaliação bastante positiva. Um aspecto importante a destacar foi a participação dos jovens nas atividades realizadas nas oficinas, sobretudo, o envolvimento e a disponibilidade para se manifestar e expressar seus pontos de vista, bem como para construir novos conhecimentos e atitudes. Esta capacidade participativa é ressaltada nos trabalhos de Matos (2003, 2007), nos quais os jovens são sempre apresentados como “exemplos de revitalização social.” (2007, p.65). De fato, quando são criados espaços e situações propiciadoras da sua participação, os jovens se mostram criativos e solidários na solução de problemas.

É evidente que, inicialmente, houve uma postura mais reservada por parte deles, ou desconfiada, talvez! Quem sabe, pela estranheza de serem ouvidos! Como naquele primeiro encontro, quando perguntei a eles o que sabiam sobre o tema Paz e **Verdade** retrucou: “*A gente não sabe dessas coisas não professora. A senhora é que tem que dizer. É a senhora que sabe! na escola a gente nunca tratou sobre isso não!*”.

A fala de **Verdade** é bastante elucidativa ao mostrar a postura mais comum adotada pela escola, que é a de negligenciar, em seu projeto educativo questões fundamentais da vida humana, dando mais ênfase a determinados conteúdos e atividades que privilegiam apenas a dimensão cognitiva dos processos de ensinar e aprender. A vivência de valores relacionados a uma Cultura de Paz não são, sequer, mencionadas. Dessa forma, a escola deixa de oferecer aos alunos oportunidade para o exercício da consciência crítica, de práticas de reflexão e de diálogo, aspectos que caracterizam o processo de educar para a paz. (MACÊDO e BOMFIM, 2007, MATOS, 2007, JARES, 2002, 2007).

Além disso, como afirmei no início deste texto, na maioria das escolas, os alunos são considerados apenas recebedores de conhecimento e não como interlocutores válidos. Segundo Matos (2007) isso pode estar relacionado à imagem negativa, bastante veiculada, em que os jovens são vistos como pessoas destrutivas, bagunceiras, violentas e que nada têm para dizer. Esta concepção, ainda muito presente na escola, leva a negação do jovem como sujeito de interlocução, portador do desejo de ser escutado e de ser reconhecido em suas potencialidades.

A realização das oficinas temáticas como vimos, serviu em primeiro lugar, para confirmar aquilo que já dissemos so-

bre a capacidade dos jovens em se envolver com questões que dizem respeito não apenas a eles, mas à coletividade, de acordo com o que nos aponta Matos (2007). Em segundo lugar, as reflexões mostraram que a compreensão dos jovens sobre o que é a Paz reflete a concepção corrente no cotidiano, de que se trata de um atributo individual e não uma construção coletiva e comunitária. Em decorrência disso, há a dificuldade para se pensar a Paz como realidade intersubjetiva e como processo que se realiza no cotidiano, por meio de gestos e atitudes, que ao serem repetidos, tornam-se princípios norteadores das nossas ações, resultando em uma Cultura de Paz.

De modo particular, nos chamou a atenção a dificuldade dos jovens para falar sobre aspectos relacionados à Paz, numa demonstração clara de que este é um tema pouco, ou quase nunca abordado pelas famílias, professores e escola. O conhecimento sobre o assunto, baseado numa perspectiva negativa largamente difundida no mundo ocidental, traz muitos equívocos, sendo que o principal é a naturalização da Paz e da violência. Esse fato indica que a escola, precisa urgentemente colocar em pauta esses temas, sob pena de ter a situação agravada. Esperar que a Paz aconteça sem que haja o envolvimento efetivo de toda a comunidade escolar em torno de um projeto com esta finalidade é, no mínimo, assumir uma postura ingênua diante de uma questão tão grave. Chamar os alunos para uma boa conversa, dialogar com eles, como ficou demonstrado nas oficinas, talvez seja um bom começo!

Referências

DISKIN, Lia; ROIZMAN, Laura Gorresio (Orgs). *Paz como se faz?* Semeando Cultura de Paz nas Escolas. Rio de Janeiro:

Governo do Estado do Rio de Janeiro. UNESCO. Associação Palas Athena, 2002. Disponível em: <http://naoviolencia.org.br/sobre/pdf/CartilhaaPazcomosefazUNESCO.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2009.

JARES, Xesus R. *Educação para a paz: sua teoria e sua prática*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. *Educar para a paz em tempos difíceis*. São Paulo: Palas Athena, 2007.

MACÊDO, Rosa Maria de Almeida. *Juventudes, Cultura de Paz e Escola: transformando possibilidades em realidade*. Tese (Doutorado). Fortaleza-Ceará. 2012.

MACÊDO, Rosa Maria de Almeida; BOMFIM, Maria do Carmo Alves do. *Um olhar sobre juventudes, escola e violências*. Teresina: Expansão, 2007.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Juventude, professores e escola: possibilidades de encontros*. Ijuí: UNIJUI, 2003

_____. Juventudes e Cultura de Paz: Diálogos de Esperança. *Revista Linguagem, Educação e Sociedade* — Teresina, ano 12, n. 16, p.65-70, jan./jun. 2007

MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de. A paz protege: cultura de paz, juventudes e docentes. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; NONATO JÚNIOR, Raimundo. (Orgs.). *Cultura de paz, ética e espiritualidade*. Fortaleza: Editora UFC, 2010. p.19-30.